

A Liga: uma Discussão sobre Gêneros Jornalísticos na TV¹

Amanda LOUZADA²

Jordana ESTEVÃO³

Rodrigo CERQUEIRA⁴

Universidade Vila Velha (UVV-ES)

Resumo

Os programas de reportagem são cada vez mais presentes na televisão brasileira. À medida que novos produtos audiovisuais jornalísticos surgem, a discussão sobre os gêneros torna-se mais evidente. Para discutir a respeito da questão dos gêneros, foi escolhido o método de estudo de caso para analisar o programa A Liga, exibido desde 2010 pela Rede Bandeirantes de Televisão. Sendo assim, a análise será feita em dois episódios de temporadas distintas do programa – Marginal Tietê e Paraisópolis – tendo como base autores que abordam conceitos de gêneros que se assemelham ao programa como Jornalismo Gonzo, Novo Jornalismo e Jornalismo Investigativo.

Palavras-chaves: gêneros jornalísticos; A Liga; novo jornalismo; telejornalismo; jornalismo gonzo.

Introdução

Em contraposição a um tempo no qual muitos programas na TV seguem a lógica da notícia ligeira e do imediatismo, percebe-se na TV brasileira o surgimento de algumas experiências que buscam romper os modelos tradicionais e oferecer ao telespectador formas alternativas de narrar o cotidiano. Nessas iniciativas, os padrões do texto clássico para TV dão lugar a abordagens diferentes, mais provocadoras e reflexivas.

Entre elas, destaca-se o programa “A Liga”, transmitido pela Rede Bandeirantes de Televisão, que tem forte viés investigativo e declarada preocupação com questões sociais. Em sua concepção, percebe-se a intenção de envolver o repórter ou produtor na vivência dos fatos narrados e de mostrar ao telespectador partes do próprio processo de

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduanda do curso de Jornalismo da Universidade Vila Velha (UVV-ES), e-mail: amandalouzadaf@gmail.com

³ Graduanda do curso de Jornalismo da Universidade Vila Velha (UVV-ES), e-mail: efjordana@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Doutorando em História na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professor de Jornalismo da Universidade Vila Velha (UVV-ES), e-mail: rodrigo.cerqueira@uvv.br

desenvolvimento da matéria. Essa proposta, para além de uma grande reportagem, traz elementos que permitem compará-la a um gênero jornalístico cujo surgimento no impresso, na década de 1960, influenciou as concepções de jornalismo nas redações e na academia: o Novo Jornalismo, ou ainda mais especificamente, o Jornalismo Gonzo.

Uma das principais características desse gênero, desde seu surgimento, é a contraposição à objetividade, ideal que está na base do modelo clássico de jornalismo. Quando Tom Wolfe deu início ao Novo Jornalismo nos Estados Unidos, sua proposta era mesclar as narrativas jornalística e literária, aproximando o leitor dos personagens e de seu contexto. Anos depois, surge o Jornalismo Gonzo, que tem como principal expoente Hunter S. Thompson, com um texto carregado de ironia e sarcasmo.

O repórter de *A Liga* é imerso e nada passivo. Ele observa o que se passa diante do fato, mas também interage, destaca, interfere e opina na realidade do outro, o que afasta a ideia de objetividade. Criado pela Eyeworks-Cuatro Cabezas, empresa argentina, com título original de *La Liga*, o programa já foi sucesso em diversos países como Chile e Argentina. Exibido no Brasil desde o dia 4 de maio de 2010, *A Liga* já tem cinco temporadas e conta com quatro apresentadores que se revezam nos blocos. O programa se diferencia por um visual contemporâneo, sobretudo na utilização de gráficos e efeitos sonoros e visuais.

Assim, este estudo pretende analisar a linguagem, postura e perfil dos apresentadores do programa tendo em vista as características do Novo Jornalismo e de sua vertente Gonzo. Chama a atenção o fato de *A Liga* estar inserida na divisão de Entretenimento da emissora, mesmo com um forte caráter investigativo das reportagens. Também é importante destacar que o programa possui apresentadores com características bastante diferentes e nem todos possuem formação jornalística, o que condiciona a análise sobre os gêneros jornalísticos na televisão brasileira da atualidade.

Pode-se falar em gêneros?

Nos primórdios do século XVIII, o editor inglês Samuel Buckeley criou a primeira definição de gêneros jornalísticos quando decidiu diferenciar *news* e *comments* no *Dailey Courant*. Desde então, muitas pesquisas e discussões giram em torno do tema questionando

se em uma era de hibridismo seria possível traçar uma linha precisa entre um gênero e outro. (PENA, 2006, p. 11) À primeira vista, classificar os gêneros jornalísticos pode parecer uma proposta taxativa e conservadora. Entretanto, como explica Arlindo Machado, os gêneros são organizadores de tendências expressivas acumuladas durante um longo espaço de tempo. Sendo assim, os gêneros se renovam, renascem (BEKHTIN *apud* PASSOS; ORNALDINI, p. 13).

Para Dovifat o gênero jornalístico seria o estilo, as formas do jornalista se expressar pela obrigação de tornar a leitura interessante e motivadora. Por isso não se confunde com o estilo literário, que na sua maneira de ver constitui uma expressão descomprometida, sem qualquer vínculo finalístico (DOVIFAT *apud* SILVA, 2008, p. 86). No Brasil, José Marques de Melo e Luiz Beltrão foram os precursores dos estudos de gêneros jornalísticos. Marques de Melo acredita que os gêneros são fundamentais para a configuração da identidade do jornalismo como objeto científico. Pena sintetiza os critérios utilizados por Melo para definir o gênero:

1) finalidade do texto ou disposição psicológica do autor, ou ainda a intencionalidade; 2) estilo; 3) modos de escrita, ou morfologia ou natureza estrutural; 4) natureza do tema e topicalidade; e 5) articulações interculturais (cultura). As sistematizações de Marques de Melo também levam em conta a geografia, o contexto sociopolítico, a cultura, os modos de produção e as correntes de pensamento (PENA, 2005, p. 12)

Sendo assim, ele propõe a seguinte classificação: Jornalismo Informativo (nota, notícia, reportagem e entrevista) e Jornalismo Opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta).

Mas os dois nomes mais conhecidos do estudo dos gêneros jornalísticos brasileiros discordam em alguns pontos, o que para Pena (2005), ilustra a dificuldade em encontrar uma classificação de gêneros. Diferente de Melo, Beltrão acrescenta “história de interesse humano” e “informação pela imagem” no Jornalismo Informativo, mas não considera a categoria “nota”. No Jornalismo Opinativo, os dois concordam em dois pontos: artigo e editorial. Para Beltrão, o gênero opinativo possui mais três subcategorias: crônica, opinião ilustrada e opinião do leitor. Além disso, o autor classifica reportagem em profundidade como Jornalismo Interpretativo.

Seguindo a lógica de Melo e Beltrão, a Reportagem que João Correa define como “um relato jornalístico temático, focal, envolvente e de interesse atual, que aprofunda a investigação sobre fatos e seus agentes” se encaixa em Jornalismo Informativo (CORREA *apud* PENA, 2005, p. 75). Para Nilson Lage

a reportagem visa atender a necessidade de ampliar os fatos para uma dimensão contextual e colocar para o receptor uma compreensão de maior alcance, objetivo na prática da grande-reportagem, que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto e oferece ao seu autor uma dose ponderável de liberdade para superar os padrões e fórmulas convencionais do tratamento da notícia. (LAGE *apud* SILVA; BALTAZAR, 2003, p. 21)

Lage divide ainda a reportagem em três subcategorias: reportagem investigativa, reportagem interpretativa e Novo Jornalismo. Neste artigo, nos limitaremos à reportagem investigativa e ao Novo Jornalismo. A reportagem investigativa seria aquela que parte de um fato para revelar outros mais ou menos ocultos, e, através deles, o perfil de uma situação de interesse. Investigar é esmiuçar os fatos reunindo testemunhas e procurar observar o fato em toda sua dimensão.

O jornalismo investigativo surge após a Segunda Guerra Mundial e ganha destaque na imprensa americana após o caso Watergate de 1972. No Brasil, o jornalismo investigativo segue a linha do “quarto poder” utilizado pela imprensa americana para definir o jornalismo que na época, era tido como o fiscalizador do poder. Na década de 70 por sua vez, acontece uma transformação nas redações e não se ouve o termo jornalismo investigativo, mas sim “reportagem especial” e “grande reportagem”. Uma década mais tarde, com o advento das novas tecnologias as notícias tornam-se curtas e velozes limitando as reportagens investigativas que demandam maior tempo devido ao aprofundamento e apuração minuciosa de determinado tema.

Segundo Sequeira (2005), o jornalismo investigativo não é apenas para compartilhar informações, mas também informar sobre eventos de forma detalhada e anunciar o que pode prejudicar a sociedade desvendando mistérios antes ocultos ou inéditos para o público. Para Teixeira, o jornalismo investigativo requer comprovação *in loco*, comprovação documental e paciência.

De qualquer forma, é chamado de investigativo o jornalismo que trata temas relacionados a questões de interesse público, como a prática de corrupção, tortura, pedofilia, narcotráfico, terrorismo e toda e qualquer prática que envolva atividade ilícita. (SILVA; BALTAZAR, 2003, p. 35)

Em uma ideia contrária aos que definem o jornalismo investigativo, Roberto Cabrini afirma que todo jornalismo é investigativo já que tudo deveria surgir a partir da dúvida e da apuração. Sendo assim, seria redundante utilizar a expressão para definir a investigação que deveria estar presente em qualquer maneira de fazer jornalismo (VIEDO, 2010, p. 26). Em se tratando de jornalismo investigativo e grande reportagem, Caco Barcellos aponta que as diferenças são irrelevantes. A grande reportagem reúne curiosidades e investigação independentemente da editoria. Quanto maior a curiosidade do repórter, maior a possibilidade de encontrar algo interessante (SILVA; BALTAZAR, 2003, p. 22).

Outro gênero em discussão neste artigo é o Novo Jornalismo que surgiu na década de 60 nos Estados Unidos com Tom Wolfe. Nessa época os movimentos de contracultura ganham força e acabam por refletir nos ideais do Novo Jornalismo que ia contra toda a ideia de objetividade e padrões pré-estabelecidos como o *lead*, por exemplo. De acordo com Wolfe (1973), a intenção não era criar um novo estilo de jornalismo, mas dar mais liberdade ao repórter. Ou seja, “o diferencial do Novo Jornalismo estava no seu mérito o literário, ou seja, na sua capacidade de instigar a imaginação do leitor por meio de textos bem escritos” (MARTINS; MILAGRES, 2013, p. 4). O Novo Jornalismo olha o fato como alguém que está dentro dele, e não como um mero observador imparcial.

E impossível falar em Novo Jornalismo sem falar de sua ramificação o Gonzo Jornalismo que surgiu dez anos mais tarde com Hunter S. Thompson e

prima pela total anarquia, pelo sarcasmo e pelo exagero. É a tradução mais aproximada dos ideais libertários da época: a busca incessante pelo Sonho Americano - coisa que todos, de uma forma ou outra, estavam fazendo nos Estados Unidos nos anos 60. (CZARNOBAI, 2003, p. 6)

Ambos os gêneros tinham influência da literatura na forma de redigir, o que dava à escrita um caráter subjetivo e imersivo. Os textos que seguiam a lógica do gênero foram criticados e taxados como ficcionais devido à quebra de um padrão que sempre zelou pela

objetividade, ainda que a visse como um horizonte a ser perseguido, mais que como uma evidência da produção jornalística (ROSSI, 2003).

O Gonzo assumiu a subjetividade e utilizava a primeira pessoa como foco narrativo. Os temas mais abordados baseavam-se naquilo que já era bem comum à sociedade: sexo, política, esporte e drogas. Prezando sempre pela inovação e dinamicidade, o repórter do jornalismo Gonzo é irreverente e não se contenta somente em apresentar o personagem, mas vive em seu universo e relata os sentimentos que extrai dele. Já o Novo Jornalismo tem foco narrativo em terceira pessoa, mas o ponto de vista do jornalista pode existir desde que seja em segundo plano.

No Brasil, o Gonzo e o Novo Jornalismo surgem com o *Pasquim* (1969) e a revista *Trip* (1986) os primeiros veículos de comunicação a utilizar o gênero em suas reportagens.

Em *O Pasquim*, cada escritor tinha a liberdade para escrever sobre o assunto que quisesse, e sem uma definição prévia a respeito do tipo de linguagem que deveria ser utilizada. Uma das principais estratégias discursivas do jornal está relacionada ao corrente uso do humor. (LIMA; COSTA; PEREIRA; JUNGSMANN, 2011, p. 3)

O Repórter Imerso na Representação do Real

A Liga é um programa que procura se diferenciar dos demais aproximando o telespectador de uma realidade com abordagens dinâmicas e linguagem diferenciada. O tema explorado é visto de vários ângulos através dos apresentadores que imersos, se revezam para desvendar um universo marginalizado. Totalmente voltado para as ruas, com temas que geralmente são problemas sociais e urbano A Liga, por sua vez, não transita pelas ruas como um mero passageiro. Cazé, no episódio “Marginal Tietê”, exibido em 29 de março de 2013, diz que “enquanto a maioria está só de passagem, A Liga estaciona na marginal”. Isto é, se propõe a observar de perto, analisar e de fato entender o lado do outro quase tocando em sua realidade.

O episódio começa com Thaíde, Cazé e Rafinha Bastos ambientando o telespectador enquanto a tela se divide com imagens e infográficos modernos que destacam as informações mais importantes através de texto e som uma característica visual presente em

todos os outros episódios do programa. Os apresentadores passam todas essas informações de pé e pode-se observar aqui a primeira diferença de A Liga para o telejornalismo tradicional. No jornalismo tradicional é comum que os apresentadores, sempre bem vestidos, tentam controlar ao máximo suas emoções e expressões faciais enquanto passam a notícia com seriedade. Nesse sentido, A Liga se afasta desse modelo e dá mais liberdade ao apresentador para se expressar, opinar e interferir na realidade dos personagens. Essa interferência pode ser observada, por exemplo, quando a repórter Rita pede para Luana que atravessem por uma passarela ao invés de atravessarem a avenida, um caminho que faz parte da rotina de Luana.

Os apresentadores também se assustam e expressam horror perante as cenas jamais vivenciadas por eles. Mariana faz um passeio de barco com Orlando Lagartão pela área mais suja do Tietê quando se depara com um rato morto no rio e declara “eu não consigo me acostumar com a ideia de que ele enfia a mão assim e vai atrás do sustento dele”. Relatar o que vive enquanto vive para Thompson, é essencial e opinar sobre o que vê e ouve só é possível se o repórter estiver totalmente imerso. Essa característica de interferir assim como a utilização do humor, e expressar física ou verbalmente os sentimentos em relação ao que é apresentado são características do jornalismo Gonzo que defende a subjetividade do jornalista perante aquilo que lhe é apresentado. Para isso, não basta somente documentar o outro, é preciso viver com o outro. No episódio “Paraisópolis” é possível perceber um discurso bem subjetivo de Rafinha Bastos na tentativa de não só envolver o telespectador, mas também de se envolver. “E não vamos nos esquecer que a responsabilidade também está com a gente. Temos que parar de jogar lixo nas ruas além de ficar de olho para que o poder público não interrompa o duro trabalho de limpeza do rio”.

Na tentativa de registrar o real, o programa opta pela não ocultação do fazer, um jornalismo contemporâneo que quer mostrar os bastidores da notícia e procura diluir barreiras físicas ou não. Por isso, Thaíde, Cazé, Rafinha, Mariana e Rita nos mostram uma comunicação horizontal que estabelece diálogos naturais com quem assiste e com o personagem sem hierarquia e superioridade. A impressão que dá, é que os apresentadores são, na verdade, a materialização das vontades dos telespectadores, se colocados frente àquelas realidades. Para os personagens, os apresentadores são amigos com quem podem se abrir. O contato entre repórter e personagem é tão intenso que uma das personagens do episódio “Marginal

Tietê”, Luana, afirma nunca ter dito a ninguém que já fora abusada sexualmente, mas acaba revelando isso a Rita o que pode ter acontecido devido à abordagem da apresentadora.

A abordagem diferenciada, diversidade de apresentadores que proporciona dinamismo e linguagem utilizada pelos apresentadores do programa são elementos que também remetem ao jornalismo Gonzo. Em todas de temporadas de A Liga existem mudanças em relação a quem a apresenta, mas Thaíde e Cazé estão desde a primeira temporada iniciada em 2010. O humorista Rafinha Bastos não é mais membro fixo, mas ainda participa de alguns programas. É interessante dizer que cada apresentador tem uma característica bem particular. Ratinha Bastos e Thaíde utilizam uma linguagem leve e cheia de humor. Por outro lado, Cazé assume um caráter mais sério e Mirian, Débora, Mariana e Rita são mais sentimentais e se aproximam muito do personagem. O apresentador procura estar ainda mais próximo utilizando a linguagem condizente com o universo do personagem. No episódio “Margial Tiête”, assim como o “Paraisópolis”, exibido em 14 de agosto de 2012, os apresentadores usam um linguajar coloquial sem se privar de gírias como “rolê”, “bizarro”, “tô nos trinquês” outra característica muito presente no Gonzo.

No episódio “Paraisópolis”, que tem como objetivo mostrar o confronto entre realidades muito próximas, o apresentador Otávio Mesquita e seu filho Luis Otávio moradores do Morumbi são convidados para passar vinte e quatro horas em Paraisópolis sem dinheiro e sem lugar para dormir. A partir daí, o programa mostra a saga dos dois em um lugar desconhecido, mas que fica apenas quinhentos metros de suas casas reforçando a ideia de discrepância entre realidades. Otávio e Luis se deparam com situações que jamais cogitaram viver e o apresentador dispara “eu nunca imaginei que fosse ficar desse lado”.

A presença de Otávio por sua vez, direciona o olhar do telespectador para um lugar que não é de fato a favela e os que ali vivem, mas sim uma celebridade inserida em um contexto que não é dela. Essa característica do apresentador em primeiro plano, que sobressai perante o fato é também uma característica do Novo Jornalismo onde, segundo a pesquisadora, Cyntia Andretta, em entrevista ao Portal Imprensa, afirma que “o foco de luz é direcionado para o jornalista, inserido como personagem, talvez até inconscientemente”.

Os blocos dos programas amarrados de forma não cronológica indicam outra característica do Novo Jornalismo. Os personagens são apresentados em diferentes momentos e suas histórias, por exemplo, podem ser apresentadas antes mesmo de seus nomes. A lógica da narrativa por sua vez, não se perde. Os blocos indicam que novas situações ou personagens serão apresentados ao mesmo tempo em que a história já iniciada se mescla de forma natural com as novas abordagens.

Elementos da Reportagem Investigativa também são encontrados no programa. No episódio “Marginal Tietê”, é possível observar claramente o desdobramento do fato e o anúncio do que pode prejudicar a sociedade. No segundo bloco do programa, os cinco repórteres que participaram desse episódio Mariana, Rita, Rafinha, Thaíde e Cazé apresentam os personagens com quem irão viver por algum tempo. Cazé conhece um grupo de jovens que já moraram em cidades que conseguiram despoluir seus rios. Thaíde vivencia a limpeza do fundo do rio com “Risadinha” e Rafinha passa o dia com Dinaura, borracheira que troca pneus na marginal. A divisão dos repórteres indica o desdobramento de um tema comum que seria o Tietê sob várias perspectivas de pessoas que moram nas proximidades da marginal e do tietê, que se sustentam das atividades que realizam ali e que acreditam na despoluição do rio.

Nesse mesmo episódio, Thaíde conhece um senhor que vende tomates na feira e passa o dia com ele quando uma jovem aparece pedindo para que os frutos sejam levados a uma ONG. Nesse momento, Thaíde acompanha a jovem se distanciando do personagem principal e os moradores acabam o levando para um lixão e uma parte da favela desconsiderada pelo poder público onde centenas de pessoas vivem próximas a dejetos e correm riscos de pegar doenças como leptospirose. Uma série de gráficos e estatísticas são apresentadas ao telespectador comprovando aquilo que dizem os moradores da comunidade.

Os personagens que conversam com Cazé são os que mais oferecem informações e, ao mesmo tempo, alertam o telespectador. Seguindo com o clima de descontração, um especialista entra em cena mostrando que é possível despoluir o rio Tietê assim como outros, mas apenas se toda a população se conscientizar que o lugar de um rio poluído pode virar um lugar cultural. Em uma narração em *off*, Rafinha Bastos nos apresenta um projeto chamado “Projeto Tietê” que investe milhões em obra para despoluir o rio. Junto de uma

ONG, o apresentador alerta a sociedade dos perigos que a poluição do rio oferece a saúde de quem por ali transita o que nos indica outra característica da Reportagem Investigativa.

Já no fim do programa depois de informar, mostrar de perto a realidade do outro, os apresentadores dão um parecer pessoal sobre a situação que viveram. O discurso final é feito ainda na localidade que o programa foi gravado e geralmente são discursos que alertam o telespectador o instigando a refletir sobre o tema abordado.

Conclusão

Em A Liga, podemos observar um jornalismo irreverente e que não se encaixa em um único gênero. O programa traz uma nova abordagem, em que é permitido aproximar-se do universo do outro se apropriando de seus termos e trejeitos. Sendo assim, o programa seria capaz de captar o real de uma maneira dinâmica sem deixar de informar e cumprir com o papel social do jornalismo.

A problemática central do artigo foi analisar se o programa se encaixa em gêneros específicos tendo como referência os gêneros Novo Jornalismo, Jornalismo Gonzo, Jornalismo Investigativo e Reportagem. Tendo como foco expor problemas sociais e urbanos o programa *in loco* com uma equipe de em média cinco apresentadores que se revessam denunciando e dando atenção a realidades ainda pouco exploradas. Pela análise de conteúdo realizada durante este artigo de dois programas “Marginal Tietê” e “Paraisópolis” de A Liga foi possível observar discursos subjetivos por parte dos apresentadores além de interferências no cotidiano do personagem. Imersos os repórteres vivem a vida do outro por um dia, expressam seus sentimentos, usam humor, sarcasmo e se tornam o foco principal em vários momentos características de outro gênero jornalístico, o Novo Jornalismo e o Gonzo.

As definições das práticas jornalísticas de qualidade na televisão e na web, entretanto, ainda não estão claras e a sistematização de parâmetros mais precisos é questão relevante nas reflexões críticas sobre a função do jornalismo na atualidade, especialmente como forma de conhecimento. São referências importantes para indicar como uma produção televisiva de qualidade pode quebrar determinadas regras discursivas e temáticas, transformando e mesclando gêneros, inserindo diferentes pontos de vista na construção da narrativa. Permite investigar ainda o modo como a TV

intervém, através da sua mediação em diferentes dimensões da agenda política da nação, e como um produto cultural criado no interior de uma indústria de comunicação pode ser esteticamente inovador e apresentar abordagens interessantes sobre assuntos do cotidiano, a ponto de gerar novos modos de perceber o Brasil e o mundo, atribuindo outros sentidos à realidade social cotidiana. (BECKER, 2009, p. 9)

Por fim, este artigo é uma tentativa de refletir a construção do gênero e sua especificidade no jornalismo tendo como discussão a ideia de problematizar a função do gênero na construção narrativa televisiva e se este se faz necessário para padronizar ou conceituar as novas produções contemporâneas.

Referências Bibliográficas

A **LIGA**. Disponível em: < <http://entretenimento.band.uol.com.br/aliga/> > Acesso em: 23 Junho de 2015.

BALTAZAR, SILVA. **A Grande Reportagem: Os desafios enfrentados pelos profissionais desde a ideia da pauta até a divulgação da matéria.** Juiz de Fora, 2013.

BECKER, Beatriz. **Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção.** Florianópolis, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/1984-6924.2009v6n2p95/11279>> Acesso em: 15 Junho 2015

CZARNOBAI, André. **Gonzo, o filho bastardo do New Journalism.** Porto Alegre, 2013 Disponível em: < <http://www.petcom.ufba.br/arquivos/gonzojornalismo.pdf> > Acesso em: 16 Junho de 2015.

GRACIA, KIELING, Emerson, Alexandre. **Realidade e Ficção: Análise de Conteúdo de A Liga.** Brasília, 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1161-2.pdf>> Acesso em: 20 Junho de 2015.

HEBERNBROCK, Josuel. **Jornalismo Investigativo: Uma Tentativa de Emancipação do Quarto Poder no Brasil.** Barcelona, 2013. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2013/resumos/R37-0335-1.pdf> > Acesso em: 16 Junho de 2015.

KLEIN, Eloísa. **Experimentando o telejornalismo: perspectivas iniciais sobre o programa A Liga.** Caxias do Sul, 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1013-1.pdf> > . Acesso em: 17 Junho de 2015.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica da entrevista.** São Paulo: Record, 2001.

MACHADO, Arlindo. **Pode-se falar em gêneros na televisão?.** Porto Alegre, 1999 Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3037/2315> >. Acesso em: 17 Junho de 2015.

MELO, José Marques. **Jornalismo Opinitivo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro.** Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

PASSOS, ORLANDINI. **Um modelo dissonante**: caracterização e gêneros do jornalismo literário. Natal, 2008 Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0123-3.pdf> > Acesso em: 16 Junho de 2015

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**: Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. Brasília, 2006 Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1506-1.pdf>> Acesso em: 22 Junho de 2015.

PORCELLO, VIZEU, COUTINHO. **#telejornalismo**: nas ruas e nas telas. Florianópolis: Insular, 2013

ROSSI, Clovis. **O que é Jornalismo?**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SEQUEIRA, Cleofe. **Jornalismo investigativo, novos desafios**. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/ind_cleofe_monteiro_de_sequeira.pdf> . Acesso em: 16 Junho de 2015.

SILVA, Wagner. **Blogs entre o continuum e o degradé**: um estudo de gêneros ciberjornalísticos e critérios de noticiabilidade. São Paulo, 2008. Disponível em: < http://www4.faac.unesp.br/posgraduacao/Pos_Comunicacao/pdfs/wagner_silva.pdf > Acesso em: 15 Junho de 2015.

VIDEOTO, Diogo. **Jornalismo Investigativo e processo de apuração**: um estudo das reportagens do jornalista Giovani Grizotti do grupo RBS. Santa Maria, 2010. Disponível em: < <https://lapecjour.files.wordpress.com/2011/04/diogo-ianzer-viedo.pdf> >. Acesso em: 15 Junho de 2015.